



Relatório Analítico das Oficinas de Revitalização Linguística Das línguas dos povos Indígenas no Estado de São Paulo 2018¹

Juracilda Veiga
antropóloga, Gerente do Projeto

Neste ano, de 2018, fecha-se um ciclo longo do Projeto de **Revitalização linguística dos Nhandewa na comunidade Indígena Nimuendajú**, T.I. Araribá, município de Avaí, SP.

Iniciado em 2013 pela **Coordenação Regional Litoral Sudeste CR-LISE/ FUNAI e Kamuri Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação**, passou a ter apoio da Coordenação de Projetos Educacionais - COPE/Coordenação Geral Promoção da Cidadania, a partir de 2014. Neste ano de 2018, foram realizadas a **16ª Oficina de Gramática Nhandewa** de 2 a 5 de maio de 2018 – aldeia Nimuendajú e **17ª Oficina de Gramática Nhandewa** de 16 a 20 de Outubro de 2018.

Esse projeto foi realizado pela Coordenação Regional do Litoral Sudeste **CR_LISE**, em parceria com a **ONG KAMURI**, Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação e a **UNICAMP** através do Grupo de Pesquisa Indíomas, do Instituto de Ensino da Linguagem - registrado no CNPq, coordenado pelo linguista prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis, que é também o Coordenador Técnico desse projeto. No ano de 2018 contou além do professor Wilmar com o acompanhamento da linguista doutoranda Fabiana Raquel Leite, da linguista bacharel Mariana Freitas. Nesses cinco anos de projeto, podemos dizer que houve um grande avanço na revitalização linguística da comunidade Nimuendajú Terra Indígena Araribá, Avaí-SP. Além de melhor formação linguística dos professores indígenas e aprofundamento da língua falada, houve a participação dos alunos, que passaram nesse período de crianças a pré-adolescentes. As Oficinas possibilitaram a eles uma identificação com seu povo e orgulho de sua origem contribuindo para o aprendizado da língua ancestral. Podemos dizer que a maioria dos professores aprendeu a língua guarani. Aqueles que não falavam, nem escreviam, hoje tem essa competência. Os professores estão aprendendo a escrever a sua língua, a

¹ As fotos são de autoria de Juracilda Veiga a exceção de duas em que é fotografada, acervo Kamuri.



produzir textos na sua língua e treinados em como ensinar o nhandewa como segunda língua. Neste ano traduziram a 1ª Carta da Redução de São Nicolau, 1753 (referente ao Tratado de Madrid) para a língua Nhandewa. Como produto das Oficinas foi publicado as ***Lições de Gramática Nhandewa, vol. I*** e ***“Ynypyrũ: narrativa sagrada da criação do mundo”***, com a tradução e versão para o Nhandewa atual do Mito de criação do mundo, segundo os Apapokuva (em 2017) e, em 2018 estão sendo publicados ***Lições de Gramática Nhandewa/Tupi- Guarani- vol. II*** e outros textos de leitura. Temos tido uma grande sorte e um momento privilegiado nessa parceria com a Unicamp e ONG Kamuri que entre outras coisas tem garantido o transporte para a equipe da UNICAMP e FUNAI.

Os Nhandewa já solicitaram a continuidade do Projeto pela necessidade de ter um acompanhamento nessa caminhada que fazem de apropriação da sua própria língua.

Como resultado adicional do trabalho de revitalização houve entre final de 2017 e 2018 a implantação de uma horta escolar no sistema agroflorestal, através da consultoria dos membros da Kamuri, Gilberto Machel e Marília Costa, cujos recursos vieram da Coordenação Geral de Desenvolvimento Comunitário/FUNAI -Brasília.

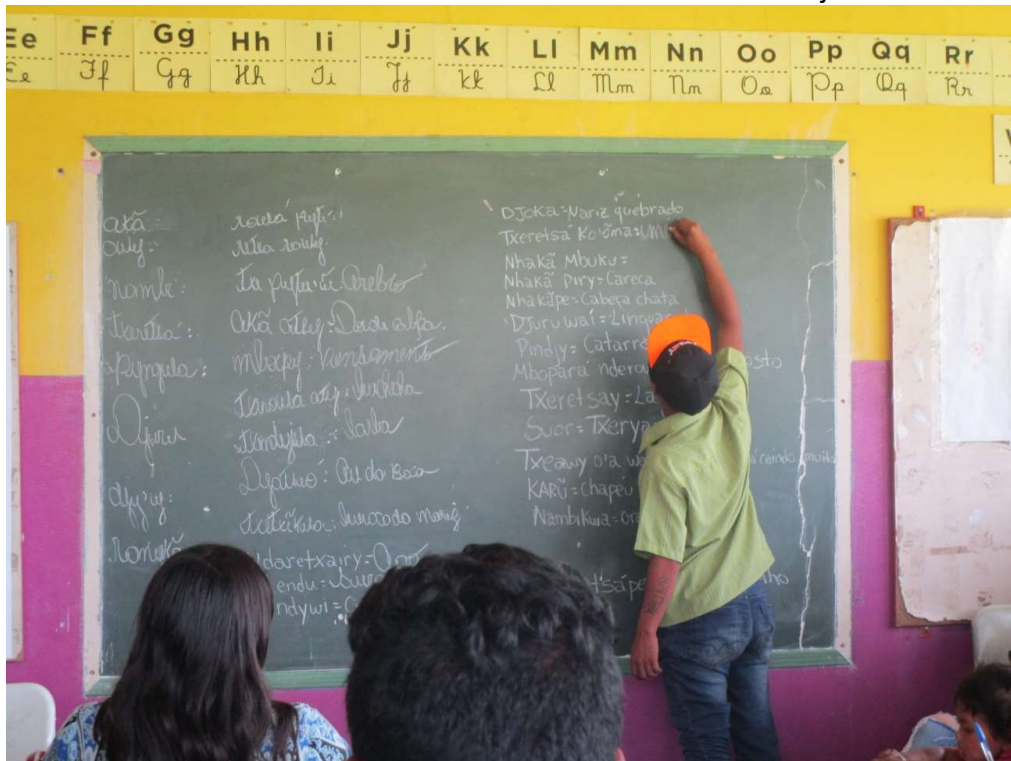
Nesse ano a Escola Estadual Indígena Nimuendajú conseguiu que a prefeitura mandasse a merenda escolar para ser produzida na escola, com alimentos in natura. Antes era contratada uma empresa que entregava na escola os alimentos prontos.



Prof. Wilmar na 17ª Oficina Nhandewa Nimuendajú.



Prof.ª Fabiana na 17ª Oficina na aldeia Nimuendajú



Aluno Elber Cristiano – exercício de correção 17ª Oficina



A linguista Mariana Freitas registra a aula da Prof.^a Fabiana 17^a Oficina Nimuendajú.



Clara Marcolino - aluna



Regina Alves da Silva recebe certificado da 17ª Oficina Aldeia Nimuendajú - Avaí, SP - Nhandewa Interior.



1ª Oficina, Ago. 2013



1ª Oficina Ago 2013. 1ª Criança é Jamile Marcolino, autora da capa do livro *Lições de Gramática Nhandewa – vol. I*. Na mesa, da esquerda para direita: Jamile Marcolino, Emile, Willian, Jean, Lara Marcolino, Kethilin e João Victor Marcolino.



Em 2017 perdemos dona Adelaide Rocha, que foi grande professora do idioma para todos seus filhos e netos.



1ª Oficina ago 2013 – Os irmãos Fernanda e João Vitor.



14ª Oficina set 2017

Da esquerda para direita: João Vitor Marcolino. Natiele Onório(atrás), Larissa Marcolino Lima, Jamile Marcolino, Elber Cristiano, Carlos Henrique

NHANDEWA/TUPI GUARANI – LITORAL SP

As Oficinas Nhandewa do Litoral iniciaram-se em 2015. Esse projeto foi realizado pela Coordenação Regional do Litoral Sudeste **CR_LISE**, em parceria com a **ONG KAMURI**, Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação e a **UNICAMP** através do Grupo de Pesquisa Indíomas, do Instituto de Ensino da Linguagem - registrado no CNPq, coordenado pelo linguista prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis, que é também o Coordenador Técnico desse projeto. O projeto para os Nhandewa Litoral foi solicitado pela professora nhandewa Catarina Delfina dos Santos, amiga pessoal do professor Wilmar da Rocha D'Angelis a quem conheceu no ano de 1977. Ela já deu vários depoimentos informando que nesse ano de 1977, foi por ele convidada para participar de um encontro com indígenas em Mato Grosso e atribui a isso a sua consciência da questão indígena e, sua militância na causa indígena, a partir de então. Catarina participou como consultora falante nativa na 3ª Oficina na Aldeia Nimuendajú em 2014. A partir da experiência vivida na Nimuendajú, considerou importante que trabalho semelhante fosse realizado para os professores nhandewa de várias aldeias do litoral.



Catarina com o professor Vanderson na 3ª Oficina da Nimuendajú.

Em 2018 realizamos na Aldeia Piaçaguera e em Itanhaém – 3 Oficinas para seleção do material das Oficinas anteriores, para o livro: **Lições de Gramática /Nhandewa/ Tupi-Guarani.**



Reconhecimento dos 4 km de praia da T.I. Piaçaguera e saudação ao mar; Elias Samuel dos Santos e prof. André Elisio.



Vice-Diretora de Nimuendajú, Creiles Marcolino, visita Piaçaguera e é recebida pela Vice-Diretora Fabiola dos Santos Cirilo

1ª Oficina de Produção de Material Didático



4ª Oficina do Site Nhandewa Litoral 3 e 4 de setembro de 2018. Games Nhandewa

Em 2018 um pai de aluno Renato, manifestou seu interesse em produzir jogos eletrônicos, isso se insere na política de colocar a língua indígena em lugares de prestígio. Conseguimos um aluno da área de computação que ajudasse os índios de Piaçaguera a pensar em jogos eletrônicos a partir da língua e da matriz cultural Nhandewa. Essa Oficina do site Nhandewa aconteceu na Escola Indígena Piaçaguera: e foram apresentados os elementos que compõem o Design de jogos eletrônicos. Através de uma Roda de conversa foram levantadas as expectativas e ideias dos indígenas para o desenvolvimento dos jogos eletrônicos. Atividade em grupo de levantamento dos elementos que irão compor o jogo (tipos de jogo, tarefas contidas no jogo, elementos visuais, narrativos e conceituais). Atividade em grupo para a prototipagem efetiva do jogo. Convergência das ideias em um primeiro jogo eletrônico. Desenho das cenas e personagens. Neste ano de 2019 deve haver continuidade.



Nesta foto da esquerda para direita: Liliam Securella vice-diretora da E.E. I. Piaçaguera, prof. Luan Elísio, Pro^{af.} Bruna Alcantara da Silva, Prof. Cleyrai Wera Tokobo Fernando, Dener Starsung (professor de informática), Renato de Oliveira Santos e prof. Ubiratã Gomes dos Santos.

9ª Oficina de Gramática Nhandewa Litoral - 21 a 25 de Maio de 2018 – para produção complementar de material para o mesmo livro.



O linguista Wilmar D'Angelis e Prof.^a Catarina na Oficina de Produção de Material Didático do Litoral.

10 Oficina de Gramática Nhandewa Litoral para fechamento do livro – 03 a 06 de Setembro de 2018.



Professores da Aldeia Nhamandu-Mirim – Vice-Diretora Lenira de Oliveira. Prof. André Elisio e Prof. Luan Elisio na primeira Oficina de Material didático.



Professores linguistas Fabiana Leite e Wilmar D'Angelis propondo os passos do Planejamento do material Didático.



A linguista Fabiana com as professoras Lenira de Oliveira e Cunhã Tawydju dos Santos.



Professores e linguistas na sede da FUNAI em Itanhaém (uso do Data Show)



Juracilda Veiga entrega o certificado da Oficina a professora Bruna Alcântara da Silva da Aldeia Itaoca-tupi.

ALDEIA KRENAK DE VANUÍRE – ARCO-ÍRIS –SP

3ª Oficina de língua Krenak - 25/11/2018

A língua Krenak já possui muita pesquisa e material escrito, inclusive uma recente versão portuguesa do dicionário de Bruno Rudolph (1909), publicada em Portugal recursos do Ministério da Cultura português), através da relação estabelecida pelos Krenak de Minas Gerais com a Escola Maumaus (Lisboa). O dicionário, no entanto, mantém as formas ortográficas empregadas no original, sem adaptação à atual ortografia da língua. Existe também um dicionário "Português-Botocudo" de autoria do Monsenhor Claro Monteiro do Amaral, composto em Minas Gerais, nos últimos anos do século XIX. As famílias Krenak que moram em Vanuíre (SP) há mais de meio século gostariam de ter acesso e poder usar esses e outros materiais existentes sobre sua etnia para fortalecer sua língua e cultura.



Os Krenak são originários de Minas Gerais onde passaram por várias situações de perda da Terra, deportações etc. Na década de 1940 um deles veio trabalhar na T.I. Vanuíre, município de Arco-Íris-SP. Tendo sua irmã ficado viúva trouxe essa com os filhos para essa terra, originalmente destinada a etnia Kaingang. (“Pacificados” em Março de 1912 pelo SP). Atualmente Vanuíre abriga além dos Kaingang, também algumas famílias Krenak, algumas famílias Terenas também alguns Fulniô e Atikum. Em abril de 2015, os Krenak, através da professora Lidiane Damasceno, e seus pais Helena e Joao Batista procuraram a Unicamp, e solicitaram a intermediação do Prof. Wilmar D’Angelis para ter acesso ao material da professora e linguista Lucy Seki, que no final da década de 70 (1979) colheu dados entre os Borun [Krenak] de Minas Gerais. A professora Lucy Seki se comprometeu a disponibilizar o material pesquisado, mas como já estava aposentada não tinha disponibilidade no momento para se deslocar para a aldeia. Ela prometeu disponibilizar seus dados para os Krenak, mas de fato dou seu material Krenak para pesquisadores de Krenak do Museu Nacional. A professora Lucy faleceu em 2017, o material que estava em sua casa foi passado para o CEDAE-IEL Unicamp onde está sendo processado.

Para dar aos Krenak a possibilidade de ter acesso a bons dados de sua língua ancestral o professor Wilmar D’Angelis escolheu entre seus alunos de graduação, uma pessoa capaz de se dedicar a reunir os melhores materiais disponíveis dessa língua bastante pesquisada pelos linguistas e hoje em vias de extinção.

Nesse ano de 2018 foi apresentado a eles o material analisado por Wilmar D’Angelis e seu aluno Pedro Ternes Frassetto. Eles ficaram muito satisfeitos e deram seu aval para a publicação.

Com alegria informamos que já está publicado o livro: 1. *VOCABULÁRIO UNIFICADO PORTUGUÊS-KRENAK KRENAK-PORTUGUÊS do século XIX: Maximilian Wied-Neuwied, Charles Frederick Hartt e Claro Monteiro do Amaral*; 2. *Organização Social e Crenças dos Botocudos do Leste do Brasil*, de Curt Nimuendajú.²

² Tradução de: **Social Organization and Beliefs of the Botocudo of Eastern Brazil**. *Southwestern Journal of Anthropology*, vol. 2, nº. 1 (Spring, 1946), p. 93-115. Tradução: Pedro Ternes Frassetto. Revisão: Wilmar R. D’Angelis.



Prof. Wilmar com representantes dos Krenak de Vanuíre, nov. 2018.

Para 2019 estamos planejando uma Oficina para o mês de abril em Vanuíre quando os linguistas ensinarão aos professores como utilizar o material para reinserir a língua ancestral para os seus alunos e a comunidade Krenak em geral. Seria importante que os professores Krenak de Minas Gerais também estivessem nesse curso. Pedro Ternes Frassetto. Por esse trabalho orientado pelo Prof. Wilmar, como Iniciação Científica. Pedro Ternes Frassetto, ganhou da FAPESP, o prêmio de mérito científico pelos 20 melhores trabalhos apresentados no XXVI Congresso de Iniciação Científica da Unicamp de 2018.

ALDEIA KAINGANG DE VANUÍRE – ARCO-ÍRIS –SP

11ª Oficina do Kaingang Paulista e lançamento do Dicionário Kaingang

O trabalho de Revitalização do Kaingang Paulista -projeto de construção de um Dicionário, teve início em novembro de 2013, portanto nesse ano de 2018 completou 5 anos de trabalho contínuo, com duas oficinas ano, em campo.

3 a 6 de Novembro de 2018 - em Vanuíre e Tupã – com presença de Icatu e Vanuíre.



11ª Oficina do Dicionário Kaingang nov. 2018 – Cacique Kaingang, Supervisores da Diretoria de Ensino de Penápolis



Maria Rita reencontra Josefa Gavile que vive na Aldeia Ekeruá (T.I. Araribá-SP).



Prof. Wilmar confere dicionário Kaingang nov.2018



As falantes Maria Rita Campos e Josefa Gavile Penti
com os linguistas Mariana Freitas e Wilmar D'Angelis



Conferindo as aves conhecidas pelos Kaingang



Professores Kaingang planejam a cerimônia de lançamento
do Dicionário Kaingang para 17 de abril de 2019.



Trabalho na casa de Dona Ena e seu filho José da Silva Barbosa ("Zeca")



Trabalho na casa de Dona Ena e seu filho José da Silva: os linguistas reúnem os últimos falantes para corrigir detalhes do Dicionário



Equipe janta com Dona Josefa Gavile, em Tupã.



Dona Ana Maria de Jesus, Dona Ena Campos, Dona Maria Rita Campos e o linguista Wilmar D'Angelis



Prof Dr. Wilmar D'Ángelis, Mariana Freitas, o Kaingang José da Silva Barbosa, e Drª Solange Aparecida Gonçalves. Corrigindo o Dicionário Kaingang Paulista.

Conclusão

Esse trabalho de revitalização linguística das línguas indígenas dos povos indígenas de São Paulo foi concebido por mim como antropóloga da CR-Lise Itanhaém, como uma forma de fazer a Coordenação Regional ter uma inserção direta e de qualidade junto as diferentes comunidades indígenas do Estado de São Paulo. Ele nasceu de um pedido das comunidades indígenas Kaingang de Vanuíre e Icatu, e comunidade Nhandewa da Aldeia Nimuendajú durante a 2ª Conferência de educação Escolar Indígena do Estado de São Paulo. O pedido foi dirigido, primeiramente, ao professor Wilmar D'Ángelis



como linguista e, a mim como representante da FUNAI foi solicitado o apoio da instituição para viabilizar o trabalho dos linguistas junto a essas comunidades. A partir desse interesse e da boa disposição do setor de Educação da CR-LISE na pessoa da Prof. Helena Stilene de Biase, enviamos o pedido de apoio a COPE/CGPC (ver Informação Técnica nº 30 CR-LISE 2014), que entendeu a potencialidade desse trabalho e nos apoiou. Coube a CR-LISE buscar parcerias com a ONG Kamuri e com a SEE-SP para viabilizar o deslocamento da equipe, a produção de material de apoio, para tornar esse projeto viável na medida em que foi crescendo e, exigindo mais da equipe. Temos que reconhecer que, sem o trabalho de qualquer um dos parceiros essa empreitada não teria sido possível, mas também é preciso reconhecer a abnegação e dedicação dos linguistas que trabalharam nas condições dadas e possíveis. Na escola em salas sem qualquer conforto, entulhadas de objetos, em barracões sem qualquer condição acústica, dividindo a Oficina com o barulho da sala de aula ao lado.

Contabilizamos 860 horas de trabalho em campo do Prof. Wilmar e 760 horas dos seus alunos doutorandos, mestrandos, sem contar os acadêmicos e bacharéis que trabalharam na secretaria das oficinas e na documentação fotográfica e áudio-visual. A Doutora Solange Gonçalves trabalhou cerca de cinco meses na decupagem das gravações para chegar a esse número de entradas no Dicionário (cerca de 1800).

Todas as ementas das oficinas foram, através dos relatórios de Atividade, registradas no Sistema de Informação da FUNAI, e contamos com listas de presença e certificação de todos os participantes, mesmo assim a SEE de São Paulo não reconhece esses certificados para progressão de carreira dos professores indígenas, o que eles muito se ressentem. Segundo a Secretaria teria sido necessário abrir um processo para registrar essa formação anteriormente, como curso de Formação da SEE, o que de fato não era.

Durante esses anos de trabalho cresceu o respeito dos indígenas pela FUNAI enquanto parceira. A alimentação comprada em natura e feita na cozinha da escola foi fundamental para criar um bom clima para o aprendizado dos cursistas e também para questionar porque a merenda não poderia ser assim com comida de verdade, muito simples, mas muito completa. Discutiu-se outras formas de se vivenciar a escola nas



aldeias respondendo as necessidades físicas, espirituais e culturais dessas comunidades. Os linguistas trouxeram textos Guarani do início da colonização que eles foram capazes de ler e compreender, causando muita admiração por mostrar que a língua ágrafa é mais conservadora e se preserva melhor que a língua escrita. Nós temos dificuldade de ler o português de 350 anos atrás, mas os nhandewa em conjunto leram, interpretaram o texto seiscentista e, reescreveram com eles a sua história.

Apenas esse projeto foi capaz de reunir os falantes de cada aldeia junto com os professores e alunos para transformar a escola num lugar para falar “a nossa língua”. Sozinhos e de *per si*, por serem muitos falantes velhos e adoentados, não conseguiam visitar os outros falantes. Durante esse projeto com muita alegria se divertiram e se alegraram por voltar a ter com quem falar a sua língua, seja entre as aldeias de São Paulo, no caso dos Kaingang, seja com os parentes do Paraná e Rio Grande do Sul.

Perdemos nesse processo vários Kaingang; em 2010 – Maria da Glória Piuí, que forneceu dados para a convenção de 1999, morreu com 79 anos. Edevaldo Cotui professor de Kaingang na Escola Indígena de Vanuire, falecido em 23 de fevereiro de 2016, com 54 anos. Domingos Vaiti, vulgo Biriba, morreu em 15 de maio de 2016 com 85 anos, e dona Lidia de Campos, morreu em 23 de Julho de 2017, depois do segundo trabalho de campo feito em Icatu. Ela lutou com um câncer durante todos os tempos das Oficinas e nos encorajava a todos com sua alegria, gostava de contar piadas e falar bobagens em Kaingang deixando corada a sua irmã Maria Rita que é muito mais séria, por ser de uma igreja pentecostal. Sei que nós a fizemos feliz e ela a nós e, suas memórias ficaram para sempre com os Kaingang do futuro.

Vamos entregar esse ano cinco publicações: o Dicionário Escolar do Kaingang Paulista, um vocabulário unificado e um livro de texto para os Krenak, o segundo volume de lições de Gramática Nhandewa e um livro de textos. Esses produtos medem os bons resultados do trabalho mas, os ganhos para todas as comunidades indígenas de São Paulo, para a FUNAI, para a Unicamp, para a Kamuri e, para todos que puderam participar desse processo esses resultados são incomensuráveis e continuarão dando frutos por muitos anos, depois que a gente se for.



Campinas, 1º de Março de 2019.

Juracilda Zeiga